

A CONTRIBUIÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES À SOCIOLOGIA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL DE 1940 A 1970: relevância e deslocamento temático¹

Márcio de Oliveira²

RESUMO

A despeito da promissora posição ocupada e à exceção de papers recentemente publicados, os artigos e livros de Florestan Fernandes sobre o fenômeno da imigração no Brasil são ora esquecidos, ora tratados de forma lateral nos diversos trabalhos acadêmicos, livros e coletâneas organizados sobre sua obra e carreira. Mostramos aqui que seus trabalhos sobre o tema, publicados entre os anos 1940 e 1970, perderam lentamente importância em paralelo à consolidação, nos anos 1950 e 1960, dos grandes temas da sociologia brasileira, como desigualdade racial, classes e capitalismo. Esse deslocamento temático da obra de Florestan, dos conflitos culturais entre grupos étnicos e comunitários à desigualdade racial, classes e capitalismo no Brasil e na América Latina, balizou a trajetória do subcampo da sociologia da imigração até os anos 1960 e 1970 e da própria sociologia brasileira como um todo. Isso vem se refletindo tanto nas diversas interpretações de sua obra quanto na história do subcampo, somente revigorado nos anos 1980 quando foi ampliado em direção ao conjunto das migrações internacionais. Não obstante isso, seus trabalhos são ainda atuais e importantes para a história do subcampo e mesmo para a compreensão geral da história da sociologia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Florestan Fernandes. Sociologia brasileira. Imigração.

¹ Registro meu agradecimento ao Fundo Florestan Fernandes da UFSCAR pelos documentos cedidos. Agradeço igualmente Alejandro Blanco, Diogo Valença Costa, Eliane Veras Soares, Gustavo Taniguti e Maria Arminda do Nascimento Arruda pelo incentivo e sugestões para a realização desse trabalho, finalmente possível graças ao apoio do CNPq através da Bolsa-Produtividade concedida. Agradeço enfim a leitura criteriosa e sugestões dos pareceristas.

² Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Produtividade do CNPq, nível 2. Tem pesquisado sobre migrações internacionais, teoria sociológica, história da sociologia, processos sociais em perspectiva comparada. Entre seus livros, destacam-se: *David Emile Durkheim: a atualidade de um clássico* (Editora da UFPR, 2011 – organizado com Raquel Weiss); *Brasília, entre le mythe et la nation* (Harmattan, 2014); *Sociedades em movimento. Fluxos internacionais, conflitos nacionais* (Editora Intermeios, 2020 - organizado com Luiz Carlos Ribeiro). E-mail: marciodeoliveira62@gmail.com

Introdução

Em uma longa entrevista publicada em 1978, Florestan apresentou-se como uma ‘personalidade desenraizada’: “Eu sou descendente de uma família de imigrantes portugueses que se deslocaram do Minho para o Brasil, pessoas rústicas.” (FERNANDES, 1978, p. 30). Na mesma entrevista, afirmou que pretendia fazer, em seu doutorado, uma pesquisa sobre sírios e libaneses na cidade de São Paulo. Em outra entrevista, contou que o interesse por grupos imigrantes surgiu logo após sua primeira pesquisa sobre os Tupinambá, cujo resultado foi sua dissertação de mestrado. Esse interesse teve por origem um “postulado”, retirado de Malinowski:

[...] as instituições sociais, no caso de transplantação, elas não se transformam isoladamente, mas em conjunto, como totalidade. Teoricamente, se a família se transforma, se transforma também a relação entre homem e mulher, se transforma provavelmente a relação do homem com o sagrado, transforma a relação do homem com o trabalho, da mulher com o trabalho etc. Quer dizer, é uma mudança total. As instituições são interdependentes, formam um todo não só dinâmico, mas estrutural. Então eu estava querendo controlar essa hipótese através de uma pesquisa (FERNANDES, 1990).

As instituições sociais ‘transplantadas’ – fruto da migração dos Tupinambá para o norte e para o interior do Brasil - se modificavam como uma totalidade. A título de ilustração, quando a instituição família transformava-se, transformava-se também a relação de gênero, e mesmo a relação com o sagrado. Florestan pretendia fazer desse ‘postulado’ uma hipótese a ser testada em outro grupo social, imaginando para tal aquele que, além de transplantado (ou seja, também migrante), lhe pareceu mais distante da ‘civilização ocidental’, os imigrantes japoneses. Descartou-os, porém, porque não “[...] podia entrar facilmente dentro dos padrões culturais japoneses sem um ponto de apoio maior do que eu tinha na época” (FERNANDES, 1990). Pensou também em estudar grupos de imigrantes portugueses, espanhóis ou italianos, mas os descartou também porque ‘não dava contraste’ devido à “[...] similaridade que existe entre as diferentes

variações da civilização ocidental” (FERNANDES, 1990). Apoiado pelo descendente de imigrantes libaneses, Jamil Safady, sobre o qual retornamos, optou por trabalhar sobre imigrantes sírios e libaneses. Desistiu uma vez mais porque “não podia fazer a pesquisa nas condições de trabalho acessíveis a partir da universidade, pois não dispunha dos recursos necessários (naquela época não tínhamos tempo integral)”. Acrescentou, enfim, que o retorno ao tema dos Tupinambás ocorreu porque “[...] aquele era o tipo de trabalho que vários círculos intelectuais no Brasil podiam identificar como um ‘trabalho relevante’” (FERNANDES, 1978, p. 78-79). Na entrevista de 1990, Florestan apresentou um último argumento para o abandono da pesquisa sobre imigrantes: prosseguir com ela o levaria a entrar em conflito com seu orientador de doutorado, Fernando de Azevedo (FERNANDES, 1990).

Ambas entrevistas revelam momentos importantes da relação de Florestan com o tema da imigração e, num plano geral, da história desse subcampo da sociologia brasileira. Revelam ainda a abrangência do tema e do quadro conceitual que lhe dava suporte: o postulado sobre os tupis poderia ser aplicado para grupos imigrantes porque os estudos realizados junto aos primeiros estavam em sintonia com as abordagens empregadas em outros grupos sociais (FERNANDES, 1990). Não obstante ter trocado a pesquisa sobre imigração por aquela sobre a guerra na sociedade Tupinambá, o interesse sobre a questão imigrante permaneceria na órbita de Florestan até os anos 1960 quando, sob outra roupagem, ganhou destaque em pequenos artigos e nos livros ‘A Integração do Negro na Sociedade de Classes’ e ‘A Revolução Burguesa no Brasil’.

A despeito da promissora posição ocupada e à exceção de artigos recentemente publicados, a temática imigrante vem sendo ora esquecida, ora tratada de forma lateral nos diversos trabalhos acadêmicos, livros e coletâneas organizados sobre sua obra e carreira. Como explicar esse aparente descompasso? Eis a hipótese: as análises de

Florestan sobre o fenômeno da imigração no Brasil perderam lentamente importância em paralelo ao deslocamento, ocorrido nos anos 1950 e 1960, em direção à temática geral sobre desigualdade racial, classes e capitalismo, razão pela qual aqueles estudos e interesse são pouco lembrados ainda hoje. Não obstante isso, são ainda atuais e importantes para a história do subcampo e mesmo para a compreensão geral da história da sociologia no Brasil. Para demonstrá-la, esse artigo encontra-se dividido em quatro partes. Inicialmente, revisitamos não exaustivamente algumas clássicas interpretações da obra e da carreira de Florestan, conferindo especial atenção às referências à sua produção sobre a questão imigrante. Em seguida, analisamos as contribuições específicas de Florestan ao tema, em sua resenha, artigos, capítulo, e nos livros *A integração do negro na sociedade de classes* e *A Revolução Burguesa no Brasil*. Na terceira parte, dialogamos com as diversas análises que investigaram a relação direta entre a obra de Florestan e o tema da imigração no Brasil. Finalmente, nas considerações finais, mostramos que as interpretações sobre a obra de Florestan seguem o deslocamento temático geral da sociologia no Brasil ocorrido no período em foco, no interior do qual foi decisivo o papel da própria sociologia de Florestan, o que explica tanto o tratamento lateral que o tema vem recebendo até muito recentemente quanto à pequena atenção creditada aos seus trabalhos imigrantistas em tela.

O lugar dos estudos imigrantistas na sociologia de Florestan, segundo comentadores

A obra de Florestan vem sendo analisada há décadas por colegas próximos, especialistas, comentadores de origens e nacionalidades diversas, dentre eles alguns ex-alunos³. No volume dedicado a Florestan Fernandes na Coleção Grandes Cientistas Sociais, não há textos ou referências sobre o tema da imigração (IANNI, 1986). Em

³ Revisitar esse impressionante conjunto ultrapassaria em muito o escopo desse trabalho, motivo pelo qual nos limitamos às obras mais conhecidas.

D’Incao (1987) ou no “Dossiê Florestan Fernandes” (TOLEDO, 1997), onde vários autores trabalham diversos temas, desde a questão racial até seus estudos sobre revolução burguesa e capitalismo dependente, também não. Arruda (1987, p. 170) menciona apenas a entrevista sobre o abandono da pesquisa sobre sírios e libaneses em razão da possibilidade de demonstrar suas “qualidades de sociólogo” e “acúmulo de prestígio” com o tema dos Tupinambá. Os trabalhos de Florestan sobre o tema da imigração passam também ao largo da análise de Miceli (1987, p. 93) sobre a história das ciências sociais em São Paulo, embora o autor mencione tanto as “pesquisas sobre assimilação e aculturação de imigrantes” quanto aquelas sobre “grupos sociais estratégicos nos processos de urbanização e industrialização. Soares (1997), ao analisar sua militância política, não encontrou elos substanciais entre sua história de descendente de portugueses e seus estudos imigrantistas. Finalmente, dentre os diversos assuntos intelectuais presentes nas cartas selecionadas por Bárbara Freitag em correspondência com ela trocada ao longo de 30 anos, não há menções à temática imigrante (FREITAG, 1996).

Em todos os trabalhos acima citados estão em destaque os grandes temas da obra de Florestan: desigualdade, classes, capitalismo, revolução burguesa. A julgar por eles, o tema da imigração é realmente lateral e episódico. Não obstante a validade dessa observação inicial, chama a atenção aí a ausência da relação entre as pesquisas de Florestan sobre folclore e o tema da imigração⁴. A título de exemplo, Mazza (2004) afirma que os principais estudos que contribuíram para a formação de Florestan foram realizados sobre o tema do folclore, dos Tupinambá e das relações raciais. Embora exclua dessa lista os estudos imigrantistas sobre sírios e libaneses realizados no mesmo período, menciona a temática imigrante quando lembra que Florestan “identificou a importância

⁴ O debate sobre a produção folclórica desse período gira fundamentalmente em torno do grau de cientificidade de cada campo – sociologia e folclore – e do papel de Florestan em prol do primeiro, discussão que ultrapassa o escopo desse trabalho.

da função de integração do folclore infantil nos processos de adaptação dos imigrantes” (MAZZA, 2000, p. 163, tradução do autor). Cavalcanti e Vilhena (1990, p. 89), tendo analisado a relação de Florestan com a temática do ‘popular’ no momento em que sociologia, antropologia e folclore foram ao mesmo tempo campos interlocutores e concorrentes, salientam que muito dos fatos folclóricos aí descobertos foram matéria prima para o entendimento de processos sociais mais largos, como a “urbanização” e a “desintegração da cultura popular”, analisados em grupos infantis descendentes de famílias imigrantes (FERNANDES, 1979). Da mesma forma, Garcia (2001, p. 148) não deixa de notar que: “Incorporando as ideias de Emílio Willems sobre a assimilação de estrangeiros (Willems, 1940), Fernandes aponta ainda para a função aculturadora do folclore infantil que, promovendo a assimilação da criança imigrante, facilita, por seu intermédio, a aculturação de sua família na sociedade brasileira”.

Os bairros paulistas (Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Lapa e Pinheiros) marcados pela imigração são efetivamente lócus e nexos entre os estudos folcloristas, textos imigrantistas diversos e mesmo o interesse particular de Florestan por imigrantes japoneses. Em *As “Trocinhas” do Bom Retiro*, por exemplo, são inúmeras referências às brincadeiras em grupos de crianças japonesas (ou descendentes de imigrantes japoneses). Florestan chega mesmo a perguntar a uma criança “japonesa”, se seu grupo brincava com as crianças brasileiras, enxergando aí forte elemento indicador dos processos de aculturação em curso. Numa palavra, Florestan (1979) estabeleceu, nesses estudos, um enfoque original sobre o papel das práticas folclóricas dos grupos infantis no interior das culturas imigrantes. Com efeito, essas culturas estavam em processo de reeducação ou de abasileiramento, revelando assim, em meio ao processo maior de

modernização e urbanização da cidade de São Paulo, traços da expansão da indústria cultural, o que lhes confere lugar ímpar no subcampo da sociologia da imigração⁵.

Na fornada de interpretações (dissertações, teses, etc.) da obra de Florestan publicadas a partir do final do século passado, Pinto (1999, p. 216) resgata um pequeno texto de Florestan publicado em 1943 - Representações coletivas sobre o negro. O negro na tradição oral – no qual está presente a relação entre as posições inferiores do negro e aquelas ocupadas por imigrantes⁶. O livro de Sylvia Garcia (2002), analisando a formação e obra de Florestan entre os anos 1941-1953, resgata apenas os conhecidos argumentos sobre o abandono da pesquisa sobre sírios e libaneses, e não destaca o papel dos estudos migratórios nesse momento de sua obra. Arruda & Garcia (2003, p. 64-68) ressaltam a função “socializadora” do folclore, sem enfatizar, porém, muitas das observações sobre a ocorrência desses processos nas “trocinhas” das crianças imigrantes. Finalmente, Freitag (2005, p. 236), nas três “casas” ou fases de sua obra e carreira, salienta apenas seu “arraigamento [pessoal] na cultura do negro e do imigrante” e o argumento com o qual Florestan apresenta o papel dos imigrantes como contraponto à exclusão do negro do mercado de trabalho paulista.

A biografia de Florestan tendo sido bastante trabalhada, a partir de meados dos anos 2000, encontramos edições que procuraram, por meio de novos enfoques e do resgate de temas pouco ou nada explorados, questionar e alargar o universo de interpretações sobre sua obra. Nesse conjunto, temos algumas coletâneas organizadas e alguns trabalhos acadêmicos. Dentre os últimos, destacam-se as dissertações de Rodrigues (2006) e de Neves (2009). Nesse mesmo registro encontramos ainda o trabalho de Oliveira (2010), e a menção à experiência laboral de Florestan no “novo mundo de

⁵ Em pesquisa ainda em andamento, estamos analisando a relação entre seus estudos sobre o folclore e aqueles dedicados ao tema da imigração.

⁶ O autor, embora faça menção ao texto “As trocinhas do Bom Retiro”, não vê aí relações ao tema da assimilação dos imigrantes.

famílias organizadas, boa parte imigrantes”. Em nenhum desses trabalhos, porém, surge com importância o tema da imigração. Completando essa fornada, temos as coletâneas organizadas por Cepêda e Mazucato (2015; 2015a). Apenas nessa última, o tema da imigração aparece numa comparação “espelhada” com a obra de Gino Germani (BLANCO; JACKSON, 2015)

Na década de 2010, finalmente, surgem análises específicas e republicações de textos de Florestan sobre o tema da imigração. Arruda (2010) e David (2018), em suas coletâneas, resgataram dois pequenos trabalhos de Florestan, um sobre alemães e outro sobre sírios e libaneses, publicados nos anos 1940 e 1950 respectivamente. Arruda (2010) propõe, na primeira parte de sua coletânea intitulada ‘leituras’, uma releitura de pequenos artigos pouco conhecidos publicados em sua juventude, décadas de 1940 e 1950. A escolha, contudo, não é aleatória. Trata-se não apenas de mostrar a persistência de certos temas, mas, sobretudo, de mostrar como a aparente dispersão de interesses indica diálogos que permitem inserir seu primeiro artigo sobre sírios e libaneses (sobre o qual retornamos mais tarde) no bojo de uma reflexão maior, retirando o tema da imigração do isolamento a que estava submetido.

Nessa coletânea, por exemplo, merece atenção o artigo *Tiago Marques Aipobureu: um Bororo marginal*, no qual Florestan (2010, p. 71-100) apresenta “Tiago” como um indígena dilacerado entre dois mundos culturais. O paralelo possível aqui é com os imigrantes e descendentes sírios e libaneses, não exatamente dilacerados, mas talvez a meio caminho entre duas sociedades⁷. Assim pensar explicaria o quadro conceitual - marginalidade e aculturação - que Florestan trabalha aqui e na resenha “A aculturação dos alemães no Brasil”, sobre o livro de igual título de Emílio Willems (1940), sobre o qual retornamos. Por ora, basta assinalar o caminho tenso, repleto de idas e vindas e

⁷ Arruda (2010, p. 11) elabora sutil hipótese segundo a qual figuras marginais, como o Bororo em questão, mantém relação com a história de vida de Florestan.

imerso num universo, em que coexistem conflitivamente aspectos socioeconômicos, psíquicos e afetivos, que gerava desajustes em indivíduos de grupos minoritários, problemática típica dos estudos sobre aculturação na época, mas que estariam também presentes nos estudos raciais. Finalmente, a coletânea organizada por Antônio David republica “textos isolados que foram divulgados uma única vez em publicações de difícil acesso [...]” (DAVID, 2018, p. 7). Dentre esses, temos a citada resenha sobre o livro de Emílio Willems.

No conjunto das interpretações acima revisadas, o lugar do tema da imigração no conjunto da obra de Florestan é efetivamente secundário. Pode-se explicar isso afirmando simplesmente que Florestan teria deixado de pesquisar e publicar em razão de ter descoberto temas mais promissores, como a questão racial, a sociedade de classes ou a revolução burguesa no Brasil, temas que efetivamente marcariam sua carreira e a história da sociologia no Brasil. Esse deslocamento temático inscreve-se no corte epistemológico-biográfico, de acadêmico-reformista a político revolucionário ou de institucionalista a político radical (FREITAG, 1987; SOARES, 1997; COSTA, 2004). Em qualquer uma dessas interpretações, os primeiros conceitos – aculturação e “abrasileiração” – parecem sucumbir aos processos por eles analisados: os grupos imigrantes teriam sido aculturados pela sociedade nacional, integrados à sociedade de classes, ou estariam quase lá. O papel principal de Florestan, todos os intérpretes concordam, foi institucionalizar teórica e cientificamente a sociologia no Brasil e o valor fundamental de sua obra foi, muito resumidamente, explicar relacionalmente desigualdade racial e formação capitalista brasileira, temas centrais da sociologia brasileira nos anos 1960 e 1970. A mudança temática em Florestan teria protagonizado e refletido duramente esse movimento geral da sociologia brasileira. Nessa virada, a questão imigrante perdeu sua importância específica, foi deslocada e tornou-se instrumental. O papel do imigrante teria sido

limitado a elemento subsidiário seja da incompleta integração do negro, seja da consolidação da “ordem econômica competitiva, seja enfim da “mentalidade capitalista”.

Não obstante isso, os recentes trabalhos de Brasil Jr. (2010, 2013), Taniguti (2018), Blanco e Brasil Jr. (2018) e Oliveira (2018) resgatam o papel da temática imigrante na obra de Florestan. Antes de examiná-los, porém, vejamos a contribuição específica dos textos migratórios de Florestan.

Os estudos imigrantistas de Florestan

Em que pesem os depoimentos pessoais e academicamente contextualizados que explicam o interesse de Florestan sobre imigrantes, deve-se entender a história do tema da imigração no Brasil e a forma como este circulava em pesquisas sobre política imigratória seletiva, embranquecimento da população, povoamento do território, eugenia, raça, assimilação, cotas etc. Assinale-se, ainda, que essas pesquisas e seus resultados foram escritos por jornalistas, políticos, médicos e cientistas sociais, como Roquette-Pinto e Gilberto Freyre, historiadores como Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros, desde o princípio do século XX, como bem lembram Seyferth (2004) e Bela, Sanjurjo e Silva (2020). No caso específico de Florestan, o primeiro contato com o tema ocorreu dentro da Escola Livre de Sociologia e Política, com seus professores de então Herbert Baldus e Emílio Willems, cujo livro foi objeto da resenha abaixo examinada.

a. A resenha

A resenha escrita por Florestan sobre o livro de Emílio Willems⁸ (1946) vale, efetivamente, por um artigo. São 20 páginas de análise repletas de referências bibliográficas, demonstrando inequívoco interesse e conhecimento do assunto. Após apresentar o livro e destacar seus principais pontos de interesse, Florestan salienta que o “estudo dos processos de aculturação e de assimilação dos imigrantes constitui uma das principais tarefas das ciências sociais no Brasil” (FERNANDES, 2018, p. 40). Em seguida, após passar em revista todos os aspectos da vida social trabalhados por Willems, com destaque para os conflitos entre os membros das comunidades portadores de diferentes convicções religiosas e ideológicas, enfatiza a relação daqueles com “os grupos tribais remanescentes”. Conclui mencionando as reservas que o livro traz sobre o modelo de colonização mista e sobre a novidade da formação de uma “cultura teuto-brasileira”.

O principal da análise, porém, não está exatamente na apreciação geral do livro. Está na demonstração de que o aparato teórico compartilhado por antropólogos (assimilação, aculturação e socialização) não era estranho aos sociólogos, antes o contrário. Esse instrumental analítico era (e continuaria a ser até os anos 1960) utilizado irrimediavelmente nos estudos de comunidade realizados por Donald Pierson, Emílio Willems, Herbert Baldus, Charles Wagley, Thales de Azevedo, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz, Gioconda Mussolini, entre outros. Florestan esteve próximo desses estudos. A título de exemplo, afirmou na resenha em tela estar realizando pesquisa sobre a “aculturação religiosa dos sírio-libaneses no Brasil”, no qual “não precisei introduzir modificações de monta no aparato conceptual que propõe.” (FLORESTAN, 2010, p. 42). Efetivamente, os processos sociais decorrentes da imigração tinham lugar

⁸ Willems chegou ao Brasil em 1931 e instalou-se na cidade de Brusque (Santa Catarina) onde trabalhou como professor de alemão, antes de mudar para São Paulo e ingressar na ELSP. Para maiores detalhes ver Villas-Boas (2000).

de destaque nas ciências sociais então praticadas, tanto quanto naqueles estudos de comunidade quanto nos estudos sobre grupos indígenas. Esses processos ocorriam *mutatis mutandis* com os todos esses grupos uma vez que estavam em situação periférica e em posição social subalterna em relação aos grupos nacionais dominantes (OLIVEIRA, 2018). Porém, lentamente, Florestan afastou-se da temática e, também, da problemática assimilacionista-aculturalista. Não obstante isso, estudar imigrantes foi a porta de entrada para os estudos sobre contatos raciais e mudanças culturais. Portanto, se a especificidade social, cultural e econômica dos grupos imigrantes e seus descendentes perdeu a centralidade na obra de Florestan, ainda que a explicação sobre o “desprestígio” e “dificuldade” de se organizar a pesquisa sobre sírios e libaneses tenha seu peso, isso pode ser inscrito num quadro mais largo. Inclusive porque Florestan continuaria recolhendo material sobre a imigração sírio-libanesa mesmo depois de ter concluído sua tese de doutorado, que ocorreu em 1951.

b. Os artigos e um capítulo

Florestan trabalhou, entre 1944 e 1949, sobre o tema da imigração árabe na cidade de São Paulo. Nesse esforço, contou com a inestimável ajuda de Jamil Safady⁹, que chegou a fazer uma monografia, *Panorama da Imigração Árabe*, a seu pedido¹⁰. Durante esse período, visitou igrejas ortodoxas, vasculhou materiais diversos, entrevistou imigrantes, numa palavra, preparou-se para realizar sua pesquisa de doutorado e, mesmo

⁹ Jamil Safady (1908-1950), bacharel e licenciado em geografia e professor, considerado um dos precursores dos estudos árabes na Universidade de São Paulo. A seu respeito, Florestan afirmou que Jamil deu-lhe “uma colaboração prestimosa, ajudando-me a descobrir imigrantes da primeira geração, servindo-me de intérprete e fazendo tudo quanto estava a seu alcance para que eu pudesse investigar alguns aspectos que me interessavam dos processos de aculturação de sírios e libaneses, com seus descendentes, em São Paulo” (FERNANDES, 1967, p. 33 apud FERNANDES, 1990, nota de Diogo Valença de A. Costa).

¹⁰ No fundo FF da UFSCAR, contudo, encontramos documentos com data de até 1958, indicando que Florestan talvez estivesse ainda recolhendo material até aquele momento ou que Jorge Safady, irmão mais novo de Jamil, que continuou a pesquisar e defendeu tese sobre imigração árabe na USP em 1972, pudesse ter-lhe passado alguns desses documentos. Com efeito, no artigo de 1956, abaixo analisado, ele afirma que a pesquisa sobre sírios e libaneses se encontrava em andamento.

depois de tê-la abandonado, continuou entrevistando e investigando o tema. No total, há pelo menos 30 documentos (consultamos apenas 19 deles) com relação direta à pesquisa sobre sírios e libaneses¹¹, tais como um questionário nunca aplicado, diversas entrevistas transcritas a mão outras datilografadas, artigos de jornal, fotos, notas datilografadas sobre cenas diversas como casamento, falecimento, igrejas visitadas, “livro de hipóteses”, pequeno texto inédito intitulado “O problema turco-sírio libanês”, material coletado por Jamil Safady, e mesmo um pequeno trabalho de classe realizado por seu aluno, então em seu primeiro ano do curso de Ciências Sociais, Fernando Henrique Cardoso¹². Contudo, Florestan escreveu, e publicou, apenas dois artigos sobre sírios e libaneses no Brasil, distantes mais de 10 anos o primeiro do segundo. De fato, muito pouco em relação a todo material que pesquisou e recolheu nesse período, menos ainda em relação a tudo que planejou. Vejamos isso de perto.

O primeiro artigo – “Aculturação do Sírio e do Libanês em São Paulo” - é originalmente uma conferência proferida no clube Alepo¹³, republicada na Revista Etapas (1956) e recentemente por Arruda (2010). Nesta, Florestan (2010, p. 226) afirma, à guisa de explicação inicial, que não pretende “[...] examinar os resultados de uma pesquisa que se acha em andamento”, confirmando que a investigação seguia seu curso, anos depois de ter defendido sua tese de doutoramento.

A conferência-artigo tem formato clássico e nela reconhece-se o estilo do autor: breves palavras iniciais de contextualização, discussão teórica sobre o conceito de aculturação e, finalmente, debate sobre o que chama de “abrasileiração dos imigrantes pioneiros” (FERNANDES, 2010, p. 230). O ponto central da argumentação diz respeito

¹¹ Todos esses documentos estão sob a guarda da “Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico/Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes”.

¹² Redigido em 1949, provavelmente como trabalho de avaliação da disciplina, tem por título “Contribuição para o estudo de uma família síria; estudo de uma personalidade marginal”.

¹³ Essa entrevista foi noticiada no jornal *Folha da Manhã*, em sua edição de 10/06/1956, às páginas 1 e 2.

à relação que Florestan estabelece entre as realidades da sociedade de origem e de acolhimento na trajetória do imigrante. Assim, emigrar não significa cortar laços com a sociedade de origem. Essa realidade deixada continua impactar as decisões do imigrante, numa conclusão e perspectiva relativamente semelhantes ao clássico (e não citado) livro de Thomas e Znaniecki (1918-1920) sobre o camponês polonês na Europa e na América. Florestan afirma, contudo, que os laços sociais mantidos não eram perenes, indicando como prova disso que o valor das remessas diminuía à medida que a integração se consolidava. Outro ponto de destaque é a transformação conjunta das instituições sociais trazidas, como mostravam as cerimônias de casamento. Por outro lado, não há, na conferência-artigo menção à questão religiosa, fato que não é menor porque Florestan recolheu muitos documentos sobre a igreja ortodoxa e, nas entrevistas realizadas com imigrantes libaneses, há inúmeros dados sobre religião. Florestan salienta que monografias sobre aspectos específicos do processo geral de “aculturação” estavam sendo realizados por colegas, como Azis Simão. Alude, porém, às dificuldades que vinha enfrentando no estudo da ascensão social e econômica dos sírios, libaneses e seus descendentes [...]” (FERNANDES, 2010, p. 233), debate que, por si só, atualizava seu entendimento sobre imigração, além de retirar o tema do nicho dos conflitos aculturativos. Conclui dizendo que a pesquisa está se “prolongando demais” – de fato há informações sobre ela desde 1946 – mas destaca, às últimas linhas, que será importante “[...] para caracterizar o tipo de influência que eles [os imigrantes] vêm exercendo na própria evolução da sociedade brasileira” (FERNANDES, 2010, p. 234). Efetivamente, a pesquisa prolongou-se demais e não produziu os resultados esperados, nem tese, nem mesmo mais artigos ou livro(s). Nota-se, porém, que nesse ano de 1956 o texto apresenta diferença em relação aos argumentos desenvolvidos na resenha sobre o livro de Willems. A questão econômica e o impacto geral de grupos imigrantes sobre a “evolução da

sociedade brasileira” são novas preocupações que poderiam ter sido melhor exploradas nas pesquisas que faria nos anos seguintes, o que não aconteceu. Não obstante, num *tour de force* significativo em relação ao tempo das “trocinhas”, o imigrante já surgia ali foi de forma genérica, e seu impacto na sociedade brasileira, esvaziado.

Florestan retomou o tema dos sírios e libaneses em nova conferência proferida em 1967, mais de 10 anos depois da primeira. Com o título de “O Brasil e o Mundo Árabe”, trata-se uma vez mais de palestra, publicada pouco depois na mesma revista *Etapas* no mesmo ano de 1967. A palestra fora redigida para a “abertura da semana de estudos árabes”, por ocasião da criação do “Centro Brasileiro de Estudos Árabes” da Universidade de São Paulo. Nesta, nota-se um tom misto de despedida e de incentivo ao Centro que se inaugurava. Inicialmente, Florestan faz referência à tendência dos “sociólogos” em ressaltar a “contribuição positiva dos imigrantes às sociedades nacionais”, provavelmente em referência crítica aos trabalhos de Eisenstadt (1954) e Handlin (1955), com os quais tinha entrado em contato. Indica, em seguida, que a imigração sírio-libanesa diferiu daquela imigração histórica onde o “imigrante candidatava-se ao trabalho rural independente ou assalariado”. Sírios e libaneses eram comerciantes que continuavam percorrendo o interior do Brasil. Começando “pequenos”, tornavam-se atores no processo de acumulação capitalista”. Como um todo, eram “monetários” e “burgueses”. Assim agindo, contribuíam para a “formação do Brasil moderno”. Florestan apresentava ali, de forma lateral, a relação entre imigração, mobilidade socioeconômica e formação de uma sociedade classista, temas centrais em “A integração”. Aparentemente, não estava mais na ordem do dia nesse ano de 1967, como afirma, despertar um “apego emocional e racional em face das tradições culturais perdidas ou abaladas” (FERNANDES, 1967, p. 37).

Em forma de conclusão, Florestan afirma que o Centro deveria voltar-se à “difusão do ensino da língua e da cultura árabes”, realizar “missões culturais”, “intercâmbios”, porque as razões que uniam o Brasil ao “mundo árabe” giravam em torno do fato de serem países de economia dependente, com respostas particulares ao “subdesenvolvimento”. Em consequência, ambos países tinham interesses políticos comuns diante da hegemonia que “cabe a superpotências”, encerrando a palestra desejando êxito a “essa magnífica empreitada” (FERNANDES, 2010, p. 37). Despedida feita, Florestan permitiu-se anunciar o programa - questões sociais, econômicas e políticas - que deveria guiar os estudos da imigração.

As duas palestras diferem entre si. De forma significativa, o termo “aculturação” não aparece uma única vez na segunda palestra (FERNANDES, 2010, p. 33-37). O tom de pesquisa da primeira é substituído pelo tom programático da segunda. As dúvidas de uma investigação em andamento cedem o passo às conclusões alcançadas e às questões políticas a serem enfrentadas. Os 10 anos que separam as duas palestras não foram em vão. A dimensão específica e cotidiana das sociabilidades no seio e entre grupos imigrantes e a especificidade de cada um deles diante da sociedade nacional pareciam temas definitivamente descartados. A aculturação, subentende-se, era tema do passado¹⁴, talvez porque a integração já tivesse acontecido. Havia que se reconhecer tão somente o papel capitalista desempenhado pela imigração sírio-libanesa e analisar a mobilidade socioeconômica dos imigrantes em geral, temas que permaneceriam na órbita das preocupações de Florestan até os anos 1970, como explicamos mais tarde.

¹⁴ A última vez que Florestan estaria perto dele foi em 1959, quando da defesa de dissertação de sua aluna, Ruth Cardoso. Ver Cardoso (1959) e Velho (2008).

O último artigo escrito por Florestan sobre o tema da imigração foi publicado em 1966, com o sugestivo título de “Imigração e Relações Raciais”¹⁵. Florestan resumia nesse trabalho as teses elaboradas ‘às pressas’ para o concurso da cátedra de Sociologia I da USP sobre a integração do negro, a partir dos dados da pesquisa sobre relações raciais colhidos entre meados dos anos 1940 e início dos anos 1950. O debate, nas 20 páginas que compõem o artigo, está centrado em duas questões correlatas: a relação entre imigração e “perpetuação ou alteração das acomodações raciais” e, sua contribuição para alteração dos “padrões de relações raciais propriamente ditos” em São Paulo, *locus* do desenvolvimento da “ordem social competitiva” e da sociedade de classes no Brasil.

A estrutura desse artigo obedece ao roteiro estabelecido nas análises anteriores. No “mundo dos brancos”, a relação de negros e mulatos com os imigrantes – definitivamente transformados em categoria genérica a partir de sua variante paulista - varia em função do período histórico. Caminha do “imigrante como elemento perturbador”, durante a escravidão, passa pelas “piores vicissitudes” durante os anos da grande imigração (os imigrantes sendo considerados, por exemplo, responsáveis pela “política de rejeição da prata da casa”) e desemboca na “nova mentalidade” de grupos negros interessados em ingressar na nova ordem econômica que se consolida com a “segunda revolução industrial de São Paulo”, pós anos 1940. A conclusão do artigo havia sido estabelecida anos antes tanto por Florestan quanto por seus alunos¹⁶: “A imigração não contribuiu para alterar, nem de modo imediato, nem a longo prazo, a estrutura do sistema preexistente de relações raciais”. Ela teria mesmo agravado o “clima [hostil] das relações raciais” pois os imigrantes haviam incorporado certos hábitos discriminatórios e explorado economicamente, aqui e ali, o trabalhador negro. Numa palavra, em sua

¹⁵ O artigo era a tradução de trabalho de mesmo título apresentado no *The Conference on Race and Class in Latin America During the National Period*, organizado pelo *Institut of Latin America Studies* na cidade de Nova York, em 1965.

¹⁶ Em 1966 já estavam publicados os livros de Cardoso e Ianni (1960), Cardoso (1962) e Ianni (1962).

“evitação” do negro, o imigrante teria reforçado “preconceitos de raça” e agravado a desigualdade racial (FERNANDES, 1966, p. 89-94). Os imigrantes – considerados unicamente a partir da perspectiva de São Paulo – tornaram-se aí, e desse lugar não mais sairiam, objeto de estudos sobre a consolidação do capitalismo dependente, sobre a sociedade de classes e sobre a desigualdade racial no Brasil.

O último trabalho específico de Florestan sobre a questão migratória é um “comentário” ao trabalho de Rios (1971, p. 237-244) sobre o imigrante japonês e a questão agrária no Brasil. Foi inserido em obra editada pelo Centro de Estudos Nipo-brasileiros (FERNANDES, 1971). O tema geral de Rios (1971) é a relação entre imigração, mobilidade e desenvolvimento econômico na colônia japonesa de Tomé-Açu (estado do Pará). O curto comentário de Florestan, apenas 4 páginas, concentra-se na relação entre “controle da terra e status social”. Florestan (1971, p. 248-249) insiste que o “imigrante japonês surge na vida econômica brasileira num momento em que a transição para o capitalismo já havia se dado[...]”. Assim fazendo, Florestan enfatiza as relações entre imigração e economia de mercado, resgatando, para demonstrar essa tese, o caso de imigrantes italianos que ele havia tratado lateralmente em *A integração do negro na sociedade de classes*. Percebe-se, aqui também, o interesse de Florestan em analisar o impacto, não necessariamente positivo da imigração, numa referência idêntica àquela presente no texto “mundo árabe”. Porém, nesse curto texto, ressalta o papel dos imigrantes japoneses na introdução de formas de acumulação capitalista proveitosas para o trabalhador. Esse pequeno texto é, assim, mais um exemplo do lugar econômico que a temática da imigração já ocupava na obra de Florestan.

c. Livros

Na passagem do modo como o tema da imigração é examinado na resenha sobre o livro de Willems e no primeiro artigo sobre sírios e libaneses àquele presente nos livros e nos últimos artigos, publicados em 1964, 1966, 1967, 1971 e 1974, não há movimento de continuidade analítica, antes de descobertas e de inflexão. A categoria de imigrante, atrelada inicialmente aos processos de aculturação, passa a ser vinculada à problemática da integração à sociedade de classes e à formação capitalista brasileira.

O primeiro livro de Florestan onde o tema da imigração está em posição de destaque é *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. Não se trata de um livro propriamente dito, mas de uma tese de cátedra, de fôlego. O tema central está no título e se apresenta como “um dos problemas sociais mais graves para a continuidade do desenvolvimento da ordem social competitiva na sociedade brasileira” (FERNANDES, 2008, vol. 1, 22). A referência aos negros como “rústicos” lhe permite compará-los às “outras populações rústicas”, igualmente não socializadas na vida urbana. A contribuição específica desse livro à sociologia da imigração no Brasil é condicionada pela forma como o problema é inicialmente formulado, pelo período tratado, os anos da abolição e início da República, e pelo imigrante selecionado: o europeu camponês que chegava diretamente para trabalhar nas lavouras paulistas. Esse recorte do imigrante permite que Florestan o considere, de forma relacional, como “[...] mão-de-obra importada da Europa¹⁷, com frequência constituída por trabalhadores mais afeitos ao novo regime de trabalho [...], cuja presença teria feito com que o ‘liberto’ perdesse o interesse que possuía para as camadas dominantes”. Numa palavra, o ingresso do imigrante, cuja participação na composição demográfica de São Paulo é considerável, no mercado de trabalho é responsável por parte da dificuldade da inserção do negro e do mulato nesse

¹⁷ Vale ressaltar aqui as muitas vezes em que o imigrante europeu é considerado subsidiado em sua travessia. Com efeito, como indica Florestan, o subsídio era para o cafeicultor.

mesmo mercado, e mesmo pelo cerceamento das possibilidades de sua ascensão social (FERNANDES, 2008, vol. 1, p. 31-44).

Trabalhando sempre com dados demográficos para a cidade de São Paulo, a análise apresenta e diferencia imigrantes dos migrantes internos, muitos deles negros. A título de exemplo, “círculos mais ativos e imigrantes” contavam com “[...] a família, os laços de solidariedade forjados pelo parentesco e a cooperação organizada [...] para toda a sorte de projeto individual [...]”, numa análise delicada e inventiva - aspecto rarissimamente ressaltado na obra de Florestan - sobre elementos psicossociais também presente em ‘A Revolução Burguesa no Brasil’ (FERNANDES, 2008, vol. 1, p. 74). Ao final, porém, o imigrante é tomado ora como contraponto da incipiente integração do negro no mercado de trabalho, ora como exemplo a ser seguido caso fossem observados seu arranjo familiar, ética do trabalho etc. Em sentido contrário, o tipo de família, as práticas sociais diferenciadas, a ausência de redes etc. são os fatores que inibem negros e mulatos de superarem a barreira racial. A análise completa-se quando Florestan considera que o ator imigrante incorpora, reproduz e acentua elementos da desigualdade racial nacional, conclusão retomada no artigo *Imigração e Relações Raciais*, acima analisado. Não obstante isso, vale ressaltar a menção às redes, à família e ao capital social que acumulam uns, os imigrantes, e que não possuem outros, os negros, e mesmo como os aspectos psicossociais de uns e outros são dimensões atuais em análises sobre processos de integração de imigrantes, fato que surpreende e preserva o interesse no modelo analítico empregado.

Em ‘A Revolução Burguesa no Brasil’, Florestan aprofunda a análise sobre o papel do imigrante na consolidação da ordem econômica competitiva no Brasil. À diferença da tese-livro anterior, esse trabalho é o resultado de um conjunto de ensaios escritos entre 1966 e 1974. Os primeiros capítulos, justamente aqueles onde encontram-

se as principais análises sobre imigração e sobre o papel do imigrante na “evolução do capitalismo e da sociedade de classes no Brasil” foram escritos em 1966, revistos e adaptados à visão do autor de 1974. Ainda à diferença do livro anterior, o papel do imigrante aqui é inicialmente nuançado. Florestan esclarece que é

relativamente mais difícil tratar do “imigrante”. Se existiam vários tipos de senhores rurais e fazendeiros, a diversificação predominante nas correntes migratórias e na sua incorporação à economia interna é maior. Todavia esses aspectos são secundários na presente exposição (FLORESTAN, 2006, p. 153)¹⁸.

As trajetórias dos grupos imigrantes guardavam distâncias entre si. Eles trilharam rotas distintas. Florestan explorou, nas páginas subsequentes à passagem acima, aspectos particulares da trajetória econômica dos imigrantes como, por exemplo, o sonho de “fazer a América”, e algumas consequências de seu isolamento ou o fato de aceitarem entrar em qualquer “papel ou posição” da ordem econômica, caminho dos “mais duros e penosos”. No trabalho anterior, isso era secundário. Porém, esses aspectos eram comuns a todos os imigrantes. Geográfica e economicamente, haviam desembarcado nos mesmos lugares, produziram impactos semelhantes no mundo burguês e comercial que se expandia. Assim, a inicial sensação teórico-empírica de distância em relação à tese de 1964 logo se esvai. O caráter genérico da condição imigrante impôs-se muito rapidamente ao longo do livro. Sua generalidade não era um problema, antes uma solução. Afinal, o foco não estava nele, mas na “revolução burguesa”. Em resumo, como dito, o imigrante foi analisado como fazendo parte dos “novos agentes econômicos”, juntamente com o fazendeiro do café, ambos grupos “encarados como figuras centrais das grandes transformações do cenário econômico, social e político” (FLORESTAN, 2006, p. 48).

Um último ponto merece breve discussão. A partir da leitura desse livro, é possível dizer que o imigrante é um ator burguês? Florestan não afirma literalmente isso. Afirma

¹⁸ A discussão específica sobre o imigrante está desenvolvida entre as páginas 152 e 172 dessa edição.

que se ele não transplantou ao Brasil uma mentalidade capitalista, essa cresceu com ele porque

introduziu no Brasil maneiras de ser, de pensar e de agir em que o “cálculo econômico” e a “mentalidade racional com relação a fins” acabam alcançando, pela primeira vez em nosso país, a consistência funcional e estrutural requerida pelo padrão capitalista de organização da personalidade, da economia e da sociedade (FERNANDES, 2006, p. 169).

Portanto, se não foi exatamente burguês, sua ação geral foi burguesa, ainda que limitada à esfera econômica. “Privado de uma situação de poder”, “preferiu identificar-se com as ideologias nativas de poder”, que incorporou. Devido a esse tipo de aburguesamento, reforçou desigualdades sociais e raciais. Eis aqui a ponte que une ‘A Integração’ à ‘A Revolução’ e estabelece a conclusão final válida para ambos os livros: o processo nacionalização ou integração dos grupos imigrantes no Brasil havia chegado a seu destino. Por isso não tinha sentido mais diferenciá-los entre si ou problematizá-los intragrupalmente¹⁹. Essa conclusão dos anos 1960 é efetivamente uma das mais importantes balizas do deslocamento temático de sua obra.

No conjunto dos livros de Florestan, merece rápida atenção a coletânea por ele organizada, *Comunidade e Sociedade no Brasil*. A obra está dividida em duas partes, Comunidade e Sociedade. A primeira parte abriga 17 capítulos dispostos em subpartes cujos títulos são: “A aldeia tribal”, “A pequena comunidade”, “As vilas” e “A cidade tradicional”. Desses 17 capítulos, existe apenas um único, com somente 8 páginas, sobre o tema imigração (SANTOS, 1972), em contraposição aos 3 dedicados aos estudos indígenas e aos 13 dedicados aos estudos de comunidades rurais. A escolha do texto de Santos (1972), sua posição dentro da primeira parte obra e as conclusões que apresenta²⁰

¹⁹ Não surpreende, portanto, que o termo imigrante e/ou a palavra imigração não tenham aparecido uma única vez nas apresentações dessa obra, seja em Martins (2006), seja em Botelho e Brasil Jr. (2020).

²⁰ A cidade de Jarim (Santa Catarina), *locus* da análise, é apresentada como um misto de antiga, homogênea e étnica colônia de imigrantes alemães. Nela a autora observa um conjunto de práticas sociais datadas e resistentes à aculturação (SANTOS, 1972, p. 119-122).

parecem afirmar que, naqueles anos 1970, o tema da imigração havia estacionado no espaço “comunitário”, quase *villageois*. Nessas condições, ainda parecia fazer sentido analisá-lo no interior da problemática da aculturação. É difícil dizer se o sentido geral do texto espelha a posição de Florestan sobre a questão. Contudo, pode-se tomá-lo como mais um exemplo do deslocamento temático aludido e do lugar reservado aos estudos migratórios naquela década de 1970.

O deslocamento temático: explorando pistas recentes

Presente em diversos momentos de sua obra, o tema da imigração em Florestan angariou pouca importância até muito recentemente, com poucas exceções. Vejamos.

O tema da imigração em Florestan está presente nos trabalhos de Brasil Jr. (2010, 2013). Contudo, em ambos, o foco do autor está na “aclimatação” da modernização e na sociologia da modernização na América Latina nos anos 1950 e 1960, em análise comparativa das obras de Florestan e Gino Germani desse período. Não obstante isso, a questão imigrante é destaque. Brasil Jr. (2010) enfatiza que o imigrante é ao mesmo tempo porta de entrada e etapa incontornável, elemento ‘recalcitrante’, das mudanças sociais em curso, o que lhe permite elevá-lo à categoria sobre a qual desenvolve sua análise sobre as variações do processo de modernização. Explorando essa pista e relacionando ‘A Integração’ com ‘A Revolução’, propomos duas leituras. Na primeira, os imigrantes comporiam os diversos grupos sociais - imigrantes que se tornam operários nas cidades, libertos que ingressaram em posições subalternas no mercado de trabalho e membros de comunidades rurais transformados em produtores e trabalhadores agrícolas etc. – que tendiam a um espaço de marginalidade indiferenciada caso a análise (ou a história) os irmanasse todos no papel de sujeitos e objetos da acumulação capitalista. Na segunda, os imigrantes e descendentes estariam no grupo dos burgueses e aí também

tendiam à indiferenciação, só que em polo oposto. Num caso como noutro, não seria mais necessário estudá-los em si, mas relacionalmente, ou seja, estudar seu impacto reverso na integração do negro e na ordem burguesa, no andar de cima ou no andar de baixo. Em ambos os casos, a pista de Brasil Jr. (2010, 2013) é rica e inovadora ao analisar o papel do genérico imigrante como indicador da variante brasileira do processo de modernização latino-americana.

Em outro trabalho (OLIVEIRA, 2018), localizamos a lateral importância do tema da imigração no interior do deslocamento temático maior que a relegou a espaço secundário, tal como ocorreu com os estudos de comunidade (rurais ou indígenas) e mesmo com os estudos sobre folclore. A perspectiva analítica sobre processos de mudança cultural, que se serviu dos conceitos de assimilação e aculturação, chegou ao Brasil pelos professores na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, uniu os estudos de comunidade e as pesquisas sobre imigrantes e incidiu fortemente sobre a formação de Florestan nesse período inicial (FERNANDES, 1978; MAIO; OLIVEIRA, 2011). Koffes (1996, p. 43) afirma que esse campo de estudos marcou as décadas de 1940 e 1950 e suas “principais críticas podem ser situadas entre 1961 e 1971”. Nessas últimas, encontram-se o papel de Florestan e a tinta de Ianni (1961), que aponta limites tanto em relação à falta de representatividade dos grupos escolhidos quanto seu suposto isolamento, numa avaliação que caberia como uma luva nas análises históricas sobre comunidades rurais de imigrantes.

Em Florestan, podemos avançar aqui, a passagem dos estudos indígenas aos estudos raciais não foi tensa. O mesmo não pode ser dito em relação ao afastamento de sua obra dos estudos de comunidade, que teria levado junto o vigor da ELSP e dos estudos folclóricos. Esse movimento teria arrastado consigo o aparato conceitual do par assimilação/aculturação. Isso também explica, senão o abandono de sua longa pesquisa

sobre imigrantes sírios e libaneses, a virada temática. Com efeito, enquanto na resenha sobre o livro de Willems ou no primeiro artigo sobre sírios e libaneses, os grupos imigrantes são pensados em sua individualidade relacional e conflitiva, denunciando processos de mudança cultural, no segundo artigo sobre sírios e libaneses, esses imigrantes e seus descendentes são pensados como ‘mundo árabe’. Os sírios e libaneses do ano de 1967 são atores econômicos urbanos, eventualmente decisivos, em diversas dimensões do desenvolvimento da chamada ordem social competitiva, exatamente como foram pensados em ‘A Revolução Burguesa’. Assim pensando, naqueles anos 1960 e sob a égide do desenvolvimento capenga do capitalismo e da sociedade de classes no Brasil, que importância poderiam ter aquelas variáveis culturais e sociais incansavelmente coletadas ao longo de quase 10 anos sobre formas de casamento, escolhas religiosas etc.? Que espaço, senão instrumental, poderiam ter para explicar a formação capitalista brasileira?

Em perspectiva próxima da anterior, Taniguti (2018), analisando quem era o imigrante para as ciências sociais dos anos 1940-1960, afirma que o entendimento do imigrante “foi deslocado da estrutura das relações étnico-raciais” para aquela da “estrutura das relações mercantis, que forneceria possibilidades de superação mediante a mobilidade socioeconômica e a inserção em melhores posições na estrutura ocupacional (integração)” (TANIGUTI, 2018, p. 145). Tanto o tema da mobilidade social quanto aquele do mercado estão perfeitamente afeitos ao novo lugar do tema da imigração na sociologia de Florestan dos anos 1960. Pode-se encontrar exemplos próximos dessa análise nas teses de Martins (1973) e Singer (1976)²¹, alunos de Florestan. Em outro trabalho, Jesus e Taniguti (2012) já haviam mostrado o vigor da temática da mobilidade

²¹ Martins foi inicialmente auxiliar de Ensino de Florestan e deveria ter sido seu orientando de mestrado caso não tivesse sido aposentado compulsoriamente em 1969. Já o livro de Singer é fruto de sua tese de doutorado orientada por Florestan.

social de imigrantes japoneses na obra de Hiroshi Saito, sociólogo próximo a Florestan. É interessante pensar que os estudos sobre mobilidade poderiam ter sido abraçados pela sociologia dos anos 1960 de Florestan e produzido impacto muito positivo na finalmente frustrada carreira de Saito na sociologia brasileira. É difícil saber por que isso não ocorreu. Da mesma forma, Florestan não se deteve no tema dos preconceitos cruzados entre negros e grupos de imigrantes e suas consequências para a sociedade de classes no Brasil, apesar das inúmeras evidências que lhe chegaram às mãos quando das descobertas de Ianni sobre o lugar subalterno dos imigrantes e descendentes de poloneses no Paraná. Todo esse material poderia dar ensejo a análises comparativas com realidades similares em outros países, em especial latino-americanos, o que também não ocorreu nem em sua obra, nem mesmo naquela de Ianni (OLIVEIRA, 2015).

Finalmente, é possível relacionar também, como variável explicativa do deslocamento temático da obra de Florestan, sua circulação internacional, contatos de seu grupo com redes de sociólogos latino-americanos e a relação de sua produção com projetos internacionais e com a trajetória conceitual do campo dos estudos migratórios em países centrais. Blanco e Brasil Jr. (2018) falam a esse respeito de uma latino-americanização tardia de Florestan, o que pode explicar o partido nacional (em termos heurísticos) de muitas de suas análises, inclusive daquela sobre o papel da imigração na formação do capitalismo brasileiro. Em registro próximo, Taniguti (2018) indica uma relação tensa, estratégica e crítica entre a obra de Florestan e a evolução internacional da temática imigratória, cujos laços com o Brasil foram acadêmicos e financeiros²². O *Projeto Tensões*, patrocinado pela UNESCO, apontou para a relação inicial entre os dois temas, raça e imigração²³. Essa proximidade temática manteve-se em Florestan até sua

²² A respeito do papel dos estudos sobre imigração no *Projeto Tensões* patrocinado pela UNESCO e sua relação com os estudos raciais nos anos 1950, ver Taniguti (2018).

²³ Taniguti (2020) nos lembra que “Atitudes dos alunos dos grupos de escolares em relação com a cor dos seus colegas”, de Virgínia Bicudo, foi publicado como apêndice do livro “Relações Raciais na 1ª edição e

pesquisa sobre relações raciais nos estados do sul do Brasil (OLIVEIRA, 2015). Contudo, a questão da integração dos imigrantes *stricto sensu* e a sua ‘contribuição positiva’ saíram da agenda de Florestan, como se pode deduzir pelas críticas presentes nos artigos Imigração e Relações Raciais (1966) e O Brasil e o Mundo Árabe (1967). Esse particular e decisivo momento da sociologia no Brasil - seria preciso de mais tempo, dados e cuidado para explorá-lo aqui - contribui também para entender a redução do espaço do tema da imigração na obra de Florestan à (não) integração do negro e ao capitalismo brasileiro, seu alijamento misto de abandono e o deslocamento temático em tela.

Considerações finais

A passagem da temática assimilacionista e aculturalista àquela da integração à sociedade de classes (e/ou à sociedade nacional) faz parte da trajetória empírico-epistemológica da sociologia no Brasil. A obra de Florestan acompanha e consolida esse movimento. Foi aí protagonista e produto.

Taniguti (2018, p.188) afirma que Florestan “tanto absorveu quanto elaborou novos entendimentos sobre a posição do imigrante, situando este em um esquema analítico interessado no desenvolvimento da ordem capitalista e na formação de classes sociais”. Oliveira (2018) apontou o impacto desse movimento em temas correlatos, enquanto Feldman-Bianco, Sanjurjo e Silva (2020, p. 29) afirmaram que isso teria contribuído para a “invisibilização da imanente racialização, discriminação e reelaboração das diferenças étnicas e culturais do outro”. Numa palavra, o deslocamento temático da obra de Florestan estabeleceu relação simbiótica com aquele de igual estirpe que balizou a sociologia brasileira no mesmo período. Seletivo na escolha de temas e do

retirado da segunda”. Nesse, o termo japonês é utilizado como “categoria de classificação racial”, demonstrando a relação entre raça e imigração, no universo de reflexões do período.

quadro conceitual, esse deslocamento acabou por eclipsar certas abordagens, modular interpretações sobre seu trabalho e carreira, e limitar a trajetória do subcampo da sociologia da imigração no Brasil, cujo vigor só recuperaria nos anos 1980, com os primeiros estudos sobre emigração.

Não obstante esse movimento geral, quais são as contribuições específicas da obra de Florestan no subcampo da sociologia da imigração no Brasil, seu papel em sua afirmação e transitório ocaso? Os estudos sobre o folclore na cidade de São Paulo estão repletos de exemplos e análises sobre processos aculturativos e sobre o papel das brincadeiras infantis no processo de integração de famílias imigrantes. As análises aí são não apenas originais, mas atuais. O material coletado no Fundo Florestan Fernandes não foi exaustivamente analisado. Encontram-se nele referências esparsas, pequenas notas escritas à mão às margens das cadernetas de campo, e dados empíricos sobre práticas sociais e culturais coletadas no trabalho de campo junto aos sírios e libaneses, numa palavra, informações de um tempo adormecido da história do campo dos estudos migratórios no Brasil.

Nos artigos e livros analisados, e com certeza há ainda referências em trabalhos não analisados aqui, Florestan acabou por se concentrar no ‘imigrante da ordem econômica competitiva’, quando poderia ter ido mais longe, sido mais abrangente. Como dito, de um início promissor, o tema perdeu fôlego em sua obra. O papel do imigrante, de culturalmente central, passou a economicamente subsidiário. Ainda assim, o estudo sobre o papel das trocinhas infantis nos processos de socialização de grupos imigrantes ou a utilização do conceito de integração como quadro teórico relacional mantém atualizada a análise de Florestan, equiparando-a a inúmeras pesquisas sobre processos integrativos de imigrantes e pode mesmo servir de comparação para estudos similares no Brasil de hoje. A título de ilustração, unindo numa mesma abordagem negros e imigrantes, pode-se

pensar numa problemática que nos permita explorar inúmeras dimensões da inserção de imigrantes haitianos no mercado de trabalho brasileiro de hoje.

Crianças, jogos infantis, negros e imigrantes, elementos psicossociais das sociabilidades e processos integrativos, mercado de trabalho e sociedade de classes, imigração e formação capitalista, em qualquer uma dessas problemáticas, nota-se a relevante contribuição de Florestan à sociologia da imigração no Brasil. A atualidade desses temas demonstra sua resiliência e vitalidade. Assim, reafirmar hoje a posição lateral que o tema ocupa na obra de Florestan é problemático. O recente interesse despertado mostra que essa parte de sua obra não rendeu seu último suspiro. Ela respira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Renato de. 1943. O folclore como elemento nacionalizador dos colonos estrangeiros. *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 1, p. 58-67.

ARRUDA, Maria A. do N. 1987. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*, São Paulo: FAPESP/ Editora Sumaré, p. 107-231.

ARRUDA, Maria A. do N. (org.) 2010. *Florestan Fernandes, Leituras e Legados*. São Paulo: Global.

ARRUDA, Maria A. do N. & GARCIA, Sylvia G. 2003. *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Brasília; Paralelo 15/CAPES.

BALDUS, Herbert, WILLEMS, Emílio. 1941. Casas e túmulos de japoneses no Vale do Ribeira de Iguape. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol. VII, n. 77, p. 121-137.

BASTOS, Élide R. 2002. Pensamento social da Escola Sociológica Paulista. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS, p. 183-230.

BLANCO, Alejandro; JACKSON, Luiz C. 2015. Florestan Fernandes no Espelho de Gino Germani. In: CEPÊDA, Vera; MAZUCATO, Thiago (orgs.). 2015a. *Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais*. São Carlos: UFSCAR, p. 87-120.

BLANCO, Alejandro; BRASIL Jr., Antônio. 2018. A circulação internacional de Florestan Fernandes. *Sociologia. Antropologia*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 1, p. 69-107.

BOAS, Gláucia V. 2000. De Berlim a Brusque. A sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 171-188.

BOTELHO, André; BRASIL Jr. Antônio. 2020. Prefácio. A Revolução burguesa no Brasil: cosmopolitismo sociológico e autocracia burguesa. In: FERNANDES, Florestan (2006). *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Curitiba: Kotter Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente, s. p.

BRASIL Jr., Antônio. 2010. O imigrante e seus irmãos: as pesquisas empíricas de Florestan Fernandes e Gino Germani. *Lua Nova*. São Paulo, nº 81, p. 175-213.

_____. 2013. *Passagens para a teoria sociológica*: Florestan Fernandes e Gino Germani. São Paulo/Buenos Aires: Hucitec/Clacso.

CARDOSO, Fernando H. 2003. *Capitalismo e Escravidão do Brasil Meridional*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

CARDOSO, Fernando H. 1960. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. São Paulo: CEN.

CARDOSO, Ruth C. L. 1959. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. *Revista de Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 7, p. 101-122.

CASTRO, Viveiros de Castro; VILHENA, Rodolfo. 1990. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 3, nº 5, p. 75-92.

CEPÊDA, Vera; MAZUCATO, Thiago (orgs.). 2015. *Florestan Fernandes 20 anos depois*. Um exercício de memória. São Carlos: Editora da UFSCAR.

_____. 2015a. *Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais*. São Carlos: UFSCAR.

COSTA, Diogo V. de A. 2004. *Florestan Fernandes em questão*: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Recife.

DAVID, Antônio (org.). 2018. *O Brasil de Florestan Fernandes*. Belo Horizonte: Autêntica.

D'INCAO, Maria A. (org.). 1987. *O saber militante*. Ensaio sobre Florestan Fernandes. Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

EISENSTADT, Shmuel N. 1954. *The absorption of immigrants*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

ELLIS Jr., Alfredo. 1934. *Populações paulistas*. São Paulo: CEN.

FELDMAN-BIANCO, Bela; SANJURJO, Liliana; SILVA, Douglas M. da. 2020. Migrações e deslocamentos: balanço bibliográfico da produção antropológica brasileira entre 1940 e 2018. *BIB*. São Paulo, n. 93, p. 1-58.

FERNANDES, Florestan. 2010. A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. In: *Florestan Fernandes: leituras e legados*. São Paulo: Global, p. 226-34.

_____. 1966. O Brasil e o Mundo Árabe. *Revista Etapas*. São Paulo, vol. 12, nº 131, p. 33-37.

_____. 1990. *Entrevista concedida a Eliane Veras Soares*. Brasília. Memo inédito.

_____. 1979. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. 2 ed. Petrópolis: Vozes.

_____. 1986. O folclore de uma cidade em mudança. In: IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes*. Coleção grandes cientistas sociais, vol. 58, p. 198-224.

_____. 2008. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 2 vols.

_____. 1966. Imigração e Relações Raciais. *Revista da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, ano I. nº 8, p. 75-95.

_____. 2006. 5ª ed. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo.

_____. 1996. Sumário do curriculum de Florestan Fernandes. *Estudos Avançados*, 10/26, p. 55-56.

_____. 1981. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1978. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.

_____. 1971. Comentários ao texto de José Arthur Rios. In: SAITO, Hiroshi (orgs). *O Japonês em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, p. 247-250.

_____. (org.) 1972. *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: CEN/Editora da USP.

FREITAG, Bárbara. 1996. Florestan Fernandes por ele mesmo. *Estudos Avançados*, vol. 10, nº 26, p. 129-172.

_____. 2005. Florestan Fernandes revisitado. *Estudos Avançados*, vol. 19, nº 55, p. 231-243.

_____. 1987. Democratização, universidade e revolução. In: D'INCAO, Maria A. (Org.). (1987). *O saber militante. Ensaio sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987, p.163-180.

GARCIA, Sylvia G. 2002. *Destino ímpar*. Sobre a formação de Florestan Fernandes. Editora 34: São Paulo.

JESUS, Matheus G.; TANIGUTI, Gustavo T. 2012. Sociologie de l'immigrant : Hiroshi Saito et l'institutionnalisation des études sur les Japonais du Brésil (1940-1960), *Brésil(s)*, Paris: vol. 2. Disponível em <http://journals.openedition.org/bresils/632>. Acesso em 5/11/2020.

HANDLIN, Oscar. 1955. *The positive contribution by immigrants: a symposium prepared for UNESCO by the International Sociological Association and the International Economic Association*. Paris: UNESCO.

HERSKOVITS, Melville J.; LINTON, Ralph; REDFIELD, Robert. 1936. Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*.

IANNI, Octavio. 1961. Estudo de comunidade e conhecimento científico. *Revista de Antropologia*, vol. 9, n. 1-2.

_____. 1986. Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira. In: IANNI, Octavio (org.). *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 7-45.

_____. 1962. *Metamorfoses do Escravo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

_____. 1996. A Sociologia de Florestan Fernandes. *Estudos Avançados*, vol. 10, nº 26.

KOFFES, Suely. 1996. As pedras e o arco: os estudos de comunidade e a atualidade de antigas questões. In: FALEIROS, Maria I. L. Faleiros; CRESPO, Regina A. (orgs.) *Humanismo e Compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p. 41-49.

LOWRIE, Samuel H. 1937. Ascendência das crianças registradas nos parques infantis de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. XLI.

MAIO, Marcos C.; OLIVEIRA, Nemuel da S. 2011. Estudos de comunidade no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 26, nº 3, p. 521-550.

MARQUES, Vera R. B. 1994. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp.

MARTINS, José de S. 1973. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. Pioneira: São Paulo.

_____. 2006. Prefácio. In FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 5ª. ed, p. 9-24.

MAZZA, Débora. 2004. Sociologie du floklores de la ville de São Paulo. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, nº 55-56, p. 157-172.

MICELI, Sérgio 1987. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 1, p. 72-110.

NEVES, Maria A. 2009. *Florestan Fernandes: Sociologia e Política pela autonomia da nação*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política do IUPERJ.

OLIVEIRA, Márcio de. 2015. A inesperada descoberta de Octavio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba. *Sociedade & Estado*, Brasília, vol. 30, nº 3, p. 799-817.

_____. 2018. A sociologia da imigração no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970. *Sociologias*, ano 20, nº 49, p. 198-228.

OLIVEIRA, Marcos M. de. 2010. *Florestan Fernandes*. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco.

OLIVEIRA, Nemuel da S.; MAIO, Marcos C. 2011. Estudos de comunidade e ciências sociais no Brasil. *Sociedade & Estado*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 521-50.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. 1938. *Raça e assimilação*. 3. ed. São Paulo: CEN, [1932].

PINTO, Renan F. 1999. São Paulo na obra de Florestan Fernandes. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, vol.13, nº 1-2, p. 215-222.

RODRIGUES, Lidiane Soares. 2006. *Entre a academia e o partido: a obra de Florestan Fernandes (1969-1973)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

SAITO, Hiroshi. 1958. Alguns aspectos da adaptação de imigrantes japoneses no Brasil. *Sociologia: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais*, São Paulo, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, v. 20, n. 4, p. 451-462.

SAITO, Hiroshi; WILLEMS, Emílio. 1947. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. *Sociologia: revista didática e científica*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 133-152.

SANTOS, Úrsula A. dos. 1972. Estrutura social de uma comunidade teuto-brasileira. In (org.) (1972). FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: CEN/Editora da USP, p. 117-124.

SEYFERTH, Giralda. 2004. *A imigração no Brasil: comentários sobre a contribuição das ciências sociais*. *BIB*, São Paulo, v. 57, p. 7-47.

SINGER, Paul. 1976. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: CEN.

SOARES, Eliane V. 1997. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Editora Cortez.

TANIGUTI, Gustavo T. 2018. O imigrante segundo as Ciências Sociais brasileiras, 1940-1960. *Sociologias*, ano 20, nº 49, p. 142-196.

TOLEDO, Caio N. de 1997. Dossiê Florestan Florestan Fernandes. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Campinas, ano 4, n. 2, p. 9.

_____. 2020. Entrevista *on line* a Márcio de Oliveira. Curitiba/São Paulo.

VELHO, Gilberto. 2008. Ruth Corrêa Leite Cardoso. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, vol. 51, nº 2, p. 271-274.

WILLEMS, Emílio. 1945. Assimilação e Educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, São Paulo, vol. IV, nº 2, p. 173-181.

_____. 1941, Recreação e assimilação entre imigrantes alemães e japoneses e seus descendentes. *Sociologia*, São Paulo, vol. 3, nº 4, p. 302-310.

DOCUMENTOS

- 02.04.4445 – Notas sobre Aculturação – Autor: Florestan Fernandes
- 02.03.4368 – Empregadas de Cor em casa árabe-brasileira; Autor: Jamil Safady
- 02.03.4391 – O problema turco-sírio-libanês; Autor: Florestan Fernandes
- 02.03.4404 – Trabalho de Aproveitamento; Autor: Fernando Henrique Cardoso
- 02.03.4422 – Esquisse sur les populations syriennes; Autor: Edmond Rabath
- 02.03.4424 – Sírios. Autor: Florestan Fernandes
- 02.03.4425 – Livro de Hipóteses; Autor: Florestan Fernandes
- 02.03.4433 – Caderno de notas; Autor: Florestan Fernandes
- 02.03.4437 – Sírios maronitas; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.4444 – Florestan Fernandes Caderno II; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.4445 – Páscoa. Igreja Ortodoxa; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6523 – Questionário sobre os sírios; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6577 – Anotações de FF sobre sírios; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6578 - Anotações de FF sobre sírios; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6613 – Sírios e Libaneses em São Paulo. Cenas. Casamento de A. M.; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6614 – Sírios e Libaneses em São Paulo. Perfil de vida e carreira. Entrevistado FA; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6617 – Sírios e Libaneses em São Paulo. Perfil de vida e carreira. Entrevistado FH; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6619 – Entrevista 20 de setembro de 1958; Autor: Florestan Fernandes
- 02.04.6621 - Sírios e Libaneses em São Paulo. Cenas. Casamento de A. Z. M.; Autor: Florestan Fernandes

**FLORESTAN FERNANDES' CONTRIBUTION TO THE
SOCIOLOGY OF IMMIGRATION IN BRAZIL FROM THE 1940's
TO 1970's: relevance and thematic shift**

ABSTRACT

In spite of the promising position occupied and with the exception of recently published papers, the Florestan Fernandes's articles and books on the phenomenon immigration in Brazil is neither remembered nor treated in the various academic works, books and collections organized about his work and career. We show here that Florestan's immigration analysis, published between the 1940s and 1970s, lost its importance in parallel with the consolidation, in the 1950s and 1960s, of major themes in Brazilian sociology, such as racial inequality, classes and capitalism. This thematic move in Florestan's work, from cultural conflicts among ethnic and community groups to racial inequality, classes and capitalism in Brazil and Latin America, beacons the trajectory of the immigration sociology subfield and of the Brazilian sociology as whole, until the 1960s and 1970s. In consequence, it provoked an eclipse of the history of this subfield, only reinvigorated in the 1980s when it was expanded towards international migrations theme. Nevertheless, his works are still current and important for the history of the subfield and even for the general understanding of the history of the Brazilian sociology.

KEYWORDS

Florestan Fernandes. Brazilian sociology. Immigration.